

**Luís de Camões. Sonetos.**

**136**

A fermosura fresca serra,  
e a sombra dos verdes castanheiros,  
o manso caminhar destes ribeiros,  
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a estranha terra,  
o esconder do sol pelos outeiros,  
o recolher dos gados derradeiros,  
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza  
com tanta variedade nos oferece,  
me está (se não te vejo) magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;  
sem ti, perpetuamente estou passando  
nas mores alegrias, mor tristeza.

**101**

Ah! minha Dinamene! Assi deixaste  
quem não deixara nunca de querer-te?

Ah! Ninfa! Já não posso ver-te,  
tão asinha esta vida desprezaste!

Como já para sempre te apartaste  
de quem tão longe estava de perder-te?  
Puderam estas ondas defender-te,  
que não visses quem tanto magoaste?

Nem falar-te somente a dura morte  
me deixou, que tão cedo o negro manto  
em teus olhos deitado consentiste!

Ó mar, ó Céu, ó minha escura sorte!  
Que pena sentirei, que valha tanto,  
que inda tenho por pouco o viver triste?

**080**

Alma minha gentil, que te partiste  
tão cedo desta vida descontente,  
repousa lá no Céu eternamente,  
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer te  
algũa causa a dor que me ficou  
da mágoa, sem remédio, de perder te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,  
que tão cedo de cá me leve a ver te,  
quão cedo de meus olhos te levou.

**005**

Amor é um fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
é um andar solitário entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

**003**

Busque Amor novas artes, novo engenho,  
para matar-me, e novas esquivanças;  
que não pode tirar-me as esperanças,  
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!  
Vede que perigosas seguranças!  
Que não temo contrastes nem mudanças,  
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto  
onde esperança falta, lá me esconde  
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto  
um não sei quê, que nasce não sei onde,  
vem não sei como, e dói não sei porquê.

**120**

Cá nesta Babilónia, donde mana  
matéria a quanto mal o mundo cria;  
cá onde o puro Amor não tem valia,  
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina, e o bem se dana,  
e pode mais que a honra a tirania;  
cá, onde a errada e cega Monarquia  
cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza  
com esforço e saber pedindo vão  
às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,  
cumprindo o curso estou da natureza.  
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

### 043

Como quando do mar tempestuoso  
o marinheiro, lasso e trabalhado,  
d'um naufrágio cruel já salvo a nado,  
só ouvir falar nele o faz medroso;

e jura que em que veja bonançoso  
o violento mar, e sossegado  
não entre nele mais, mas vai, forçado  
pelo muito interesse cobiçoso;

Assi, Senhora eu, que da tormenta,  
de vossa vista fujo, por salvar me,  
jurando de não mais em outra ver me;

minh'alma que de vós nunca se ausenta,  
dá me por preço ver vos, faz tornar me  
donde fugi tão perto de perder me.

### 057

De vós me aparto, ó vida! Em tal mudança,  
sinto vivo da morte o sentimento.  
Não sei para que é ter contentamento,  
se mais há de perder quem mais alcança.

Mas dou vos esta firme segurança  
que, posto que me mate meu tormento,  
pelas águas do eterno esquecimento  
segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeçam,  
que com qualquer cous' outra se contentem;  
antes os esqueçais, que vos esqueçam.

Antes nesta lembrança se atormentem,  
que com esquecimento desmereçam  
a glória que em sofrer tal pena sentem.

### 001

Enquanto quis Fortuna que tivesse  
esperança de algum contentamento,  
o gosto de um suave pensamento  
me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse  
minha escritura a algum juízo isento,  
escureceu-me o engenho co tormento,  
para que seus enganos não dissesse.

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos  
a diversas vontades! Quando lerdas  
num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são, e não defeitos...  
E sabeí que, segundo o amor tiverdes,

tereis o entendimento de meus versos!

### 014

Está o lascivo e doce passarinho  
com o biquinho as penas ordenando;  
o verso sem medida, alegre e brando,  
espedindo no rústico raminho;

o cruel caçador (que do caminho  
se vem calado e manso desviando)  
na pronta vista a seta endireitando,  
lhe dá no Estígio lago eterno ninho.

Dest' arte o coração, que livre andava,  
(posto que já de longe destinado)  
onde menos temia, foi ferido.

Porque o Frecheiro cego me esperava,  
para que me tomasse descuidado,  
em vossos claros olhos escondido.

### 092

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda se o ser, muda se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
diferentes em tudo da esperança;  
do mal ficam as mágoas na lembrança,  
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
que já coberto foi de neve fria, e, enfim,  
converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar se cada dia,  
outra mudança faz de mor espanto,  
que não se muda já como soía.

### 129

Na ribeira do Eufrates assentado,  
discorrendo me achei pela memória  
aquele breve bem, aquela glória,  
que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado  
me foi: Como não cantas a história  
de teu passado bem, e da vitória  
que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece  
o mal, inda que grave e rigoroso?  
Canta, pois, e não chores dessa sorte.

Respondo com suspiros: Quando crece  
a muita saudade, o piadoso  
remédio é não cantar senso a morte.

106

O céu, a terra, o vento sossegado...  
As ondas, que se estendem pela areia...  
Os peixes, que no mar o sono enfreia...  
O nocturno silêncio repousado...

O pescador Aónio, que, deitado  
onde co vento a água se meneia,  
chorando, o nome amado em vão nomeia,  
que não pode ser mais que nomeado:

Ondas (dezia), antes que Amor me mate,  
torna-me a minha Ninfa, que tão cedo  
me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala; o mar de longe bate;  
move-se brandamente o arvoredor;  
leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

131

O dia em que eu nasci, mouro e pereça,  
não o queira jamais o tempo dar,  
não torne mais ao mundo, e, se tornar,  
eclipse nesse passo o sol padeça.

luz lhe falte, o sol se [lhe] escureça,  
mostre o mundo sinais de se acabar,  
nasçam-lhe monstros, sangue chova  
o ar, a mãe ao próprio filho não conheça.

as pessoas pasmadas de ignorantes,  
as lágrimas no rosto, a cor perdida,  
cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,  
que este dia deitou ao mundo a vida  
mais desgraçada que jamais se viu!

133

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,  
a força, a arte, a manha, a fortaleza;  
o tempo acaba a fama e a riqueza,  
o tempo o mesmo tempo de si chora.

tempo busca e acaba o onde mora  
qualquer ingratidão, qualquer dureza;  
mas não pode acabar minha tristeza,  
enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,  
e o mais ledor prazer em choro triste;  
o tempo a tempestade em grã bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro  
o peito de diamante, onde consiste  
a pena e o prazer desta esperança.

008

Pede o desejo, Dama, que vos veja,  
não entende o que pede; está enganado.  
É este amor tão fino e tão delgado,  
que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há cousa a qual natural seja  
que não queira perpétuo seu estado;  
não quer logo o desejo o desejado,  
porque não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro afeito em mim se dana;  
que, como a grave pedra tem por arte  
o centro desejar da natureza,

assi o pensamento (pola parte que  
vai tomar de mim, terrestre [e] humana)  
foi, Senhora, pedir esta baixeza.

100

Quando de minhas mágoas a comprida  
magação os olhos me adormece,  
em sonhos aquela alma me aparece  
que para mim foi sonho nesta vida.

Lá nua soidade, onde estendida  
a vista pelo campo desfalece,  
corro par'ela; e ela então parece  
que mais de mim se alonga, compelida.

Brado: Não me fujais, sombra benina!  
Ela (os olhos em mim cum brandor pejo,  
como quem diz que já não pode ser),

torna a fugir-me; e eu, gritando: Dina...  
antes que diga mene, alardo, e vejo  
que nem um breve engano posso ter.

030

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela,  
e a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
passava, contentando se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela,  
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se a não tivera merecida;

começa de servir outros sete anos,  
dizendo: —Mais servira, se não fora  
para tão longo amor tão curta a vida.

020

Transforma se o amator na cousa amada,  
por virtude do muito imaginar;  
não tenho, logo, mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si sòmente pode descansar,  
pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,  
que, como um acidente em seu sujeito,  
assi co a alma minha se conforma,

está no pensamento como ideia:  
[e] o vivo e puro amor de que sou feito,  
como a matéria simples busca a forma.

#### 145

Vencido está de amor      meu pensamento,  
O mais que pode ser      vencida a vida,  
Sujeita a vos servir e      instituída,  
Oferecendo tudo      a vosso intento.

Contente deste bem,      louva o momento  
Ou hora em que se viu      tão bem perdida;  
Mil vezes desejando      a tal ferida,  
Outra vez renovar      seu perdimento.

Com esta pretensão      está segura  
A causa que me guia      nesta empresa.  
Tão sobrenatural,      honrosa e alta,

Jurando não seguir      outra ventura,  
Votando só para vós      rara firmeza,  
Ou ser no vosso      amor achado em falta.

### Francesco Petrarca. *Sonetos*.

#### Soneto XXII

S' amor non è, che dunque è quel ch' io sento?  
Ma s'egli è amor, per Dio, che cosa e quale?  
Se buona, ond'è effetto aspro mortale?  
Se ria, ond'è sì dolce ogni tormento?

S'a mia voglia arado, ond'è 'l pianto e 'l lamento?  
S'a mal mio grado, il lamentar che vale?  
O viva morte, o diletto male,  
Come puoi tanto in me s'io nol consento?

E s'io 'l consento, a gran torto mi doglio.  
Fra sì contrari venti, in frale barca  
Mi trivo in alto mar, senza governo,

Sí lieve di saber, d'error sí carca,  
Ch' i' i' medesimo non so quel ch' io mi voglio,  
E tremo a mèzza state, ardendo il verno

#### Soneto XXII

Se amor não é qual é este sentimento?  
Mas se é amor, por Deus, que cousa é a tal?  
Se boa por que tem ação mortal?  
Se má por que é tão doce o seu tormento?

Se eu ardo por querer por que o lamento?  
Se sem querer o lamentar que val?  
Ó viva morte, ó deleitoso mal,  
Tanto podés sem meu consentimento.

E se eu consito sem razão pranteio.  
A tão contrário vento em frágil barca,  
Eu vou para o alto mar e sem governo.

É tão grave de error (1), de ciência é parca  
Que eu mesmo não sei bem o que eu anseio  
E tremo em pleno estio e ardo no inverno.

(1) N. T.: Alude à barca

Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono  
di quei sospiri ond'io nudriva  
in sul mio primo giovenile errore,  
quand'era in parte altr'uom da quel, ch' i' sono;

del vario stile in ch'io piango e ragiono  
fra le vane speranze, e 'l van dolore;  
ove sia chi per prova intenda amore,  
spero trovar pietà, non che perdono.

Ma ben veggio or sì come ai popol tutto  
favola fui gran tempo, onde sovente  
di me medesimo meco mi vergogno;

e del mio vaneggiar vergogna è 'l frutto,  
e 'l pentersi, e 'l conoscer chiaramente  
che quanto piace al mondo è breve sogno.

Vós que escutais em rima esparsa o som  
do gemer que a meu peito deu vigor  
no meu primeiro juvenil error,  
quando era em parte outro homem, e no tom

do vários estilos em que eu discorro com  
choro, esperanças vãs e esta vã dor,  
onde haja quem provado tenha amor,  
perdão e piedade espero em dom.

Mas o falar de todo o povo escuto  
A que dei azo e repetidamente  
De mim mesmo comigo me envergonho;

e desse enleio vão vergonha é o fruto,  
e arrepende-me e ver tão claramente  
que quanto agrada ao mundo é breve sonho.  
(Tradução de Jamil Almansur Haddad)

### Luís de Camões. *Os Lusíadas*.

#### Canto I

##### 1 (Proposição)

As armas e os Barões assinalados  
Que da Ocidental praia Lusitana  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

##### 2

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando,  
E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da Morte libertando,

Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram.  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

4 (Invocação)

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mi um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mi vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandíloco e corrente,  
Por que de vossas águas Febo ordene  
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

5

Dai-me ãa fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no universo,  
Se tão sublime peço cabe em verso.

6 (Dedicatória)

E vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade;  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

7

Vós, tenro e novo ramo florecente  
De ãa árvore, de Cristo mais amada  
Que nenhuma nascida no Ocidente,  
Cesárea ou Cristianíssima chamada  
(Vede-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas e deixou  
As que Ele pera si na Cruz tomou);

8

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império  
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,  
Vê-o também no meio do Hemisfério,  
E quando dece o deixa derradeiro;  
Vós, que esperamos jugo e vitupério  
Do torpe Ismaelita cavaleiro,  
Do Turco Oriental e do Gentio  
Que inda bebe o licor do santo Rio:

9

Inclinaí por um pouco a majestade

Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que já se mostra qual na inteira idade,  
Quando subindo ireis ao eterno templo;  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
De amor dos pátrios feitos valerosos,  
Em versos divulgado numerosos. [...]

### Canto III (Inês de Castro)

118

Passada esta tão próspera vitória,  
Tornado Afonso à Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta glória  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste, e dino da memória  
Que do sepulcro os homens desenterra,  
Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi Rainha.

119

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledto e cego,  
Que a Fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

121

Do teu Príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus formosos se apartavam;  
De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia, em pensamentos que voavam;  
E quanto, enfim, cuidava e quanto via  
Eram tudo memórias de alegria.

122

De outras belas senhoras e Princesas  
Os desejados tálamos enjeita,  
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas,  
O velho pai sesudo, que respeita  
O murmurar do povo e a fantasia  
Do filho, que casar-se não queria,

123

Tirar Inês ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo aceso.  
Que furor consentiu que a espada fina

Que pôde sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse alevantada  
Contra ua fraca dama delicada?

124

Traziam-a os horríficos algozes  
Ante o Rei, já movido a piedade;  
Mas o povo, com falsas e ferozes  
Razões, à morte crua o persuade.  
Ela, com tristes e piedosas vozes,  
Saídas só da mágoa e saudade  
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,  
Que mais que a própria morte a magoava,

125

Pera o céu cristalino alevantando,  
Com lágrimas, os olhos piedosos  
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos);  
E depois nos mininos atentando,  
Que tão queridos tinha e tão mimosos,  
Cuja orfandade como mãe temia,  
Pera o avô cruel assim dizia:

126

-«Se já nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que somente  
Nas rapinas aéreas têm o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tão piadoso sentimento  
Como com a mãe de Nino já mostraram,  
E cos irmãos que Roma edificaram:

127

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar ua donzela,  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la),  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura dela;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

128

E se, vencendo a Maura resistência,  
A morte sabes dar com fogo e ferro  
Sabe também dar vida com clemência  
A quem pera perdê-la não fez erro.  
Mas, se to assim merece esta inocência,  
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,  
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,  
Onde em lágrimas viva eternamente.

129

Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre liões e tigres, e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei.  
Ali, co amor intrínseco e vontade  
Naquele por quem mouro, criarei  
Estas relíquias suas, que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste.»

130

Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
Movido das palavras que o magoam;  
Mas o pertinaz povo e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoam.  
Contra ua dama, ó peitos carniceiros,  
Feros vos amostrais - e cavaleiros?

131

Qual contra a linda moça Policena,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Aquiles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha;  
Mas ela, os olhos com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha)  
Na mísera mãe postos, que endoudece,  
Ao duro sacrifício se oferece:

132

Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, férvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

133

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,  
Teus raios apartar aquele dia,  
Como da seva mesa de Tiestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia!  
Vós, ó côncavos vales, que pudestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Por muito grande espaço repetistes!

134

Assim como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, cândida e bela,  
Sendo das mãos lacivas maltratada  
Da minina que a trouxe na capela,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está, morta, a pálida donzela,  
Secas do rosto as rosas e perdida  
A branca e viva cor, com a doce vida.

135

As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E, por memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram.  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos amores de Inês, que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água e o nome Amores!

136

Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que, em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas;  
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,

Que ambos, inimigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram, duro e injusto,  
Que com Lépido e António fez Augusto.

137

Este castigador foi reguroso  
De latrocínios, mortes e adultérios;  
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,  
Eram os seus mais certos refrigérios.  
As cidades guardando, justiçaoso,  
De todos os soberbos vitupérios,  
Mais ladrões castigando, à morte deu,  
Que o vagabundo Alcides ou Theseu.

### **Canto V (O Gigante Adamastor)**

37

«Porém já cinco Sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca d' outrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando,  
Quando ùa noute, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Ûa nuvem que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.

38

«Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo;  
Bramindo, o negro mar de longe brada,  
Como se desse em vão nalgum rochedo.  
– «Ó Potestade (disse) sublimada:  
Que ameaço divino ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mor cousa parece que tormenta?»

39

«Não acabava, quando ùa figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.

40

«Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificar-te que este era o segundo  
De Rodes estranhíssimo Colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo.  
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,  
Que pareceu sair do mar profundo.  
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,  
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

41

«E disse: – «Ó gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repousas,  
Pois os vedados términos quebrantas  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,  
Nunca arados d' estranho ou próprio lenho;

42

«Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza e do húmido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre ou de imortal merecimento,  
Ouve os danos de mi que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo mar e pola terra  
Que inda hás-de sojugar com dura guerra.

43

«Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos e tormentas desmedidas;  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insofridas,  
Eu farei de improviso tal castigo  
Que seja mor o dano que o perigo!

44

«Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobriu suma vingança;  
E não se acabará só nisto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,  
Se é verdade o que meu juízo alcança,  
Naufrágios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte!

45

«E do primeiro Ilustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Céus,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Por juízos incógnitos de Deus.  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prósperos troféus;  
Comigo de seus danos o ameaça  
A destruída Quíloa com Mombaça.

46

«Outro também virá, de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a fermosa dama  
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.  
Triste ventura e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que, duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Pera verem trabalhos excessivos.

47

«Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nacidos;  
Verão os Cafres, ásperos e avaros,  
Tirar à linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e perclaros  
À calma, ao frio, ao ar, verão despídos,  
Despois de ter pisada, longamente,  
Cos delicados pés a areia ardente.

48

«E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes míseros ficarem  
Na férvida, implacável espessura.

Ali, depois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,  
Abraçados, as almas soltarão  
Da fermosa e misérrima prisão.»

49

«Mais ia por diante o monstro horrendo,  
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,  
Lhe disse eu: – «Quem és tu? Que esse estupendo  
Corpo, certo me tem maravilhado! »  
A boca e os olhos negros retorcendo  
E dando um espantoso e grande brado,  
Me respondeu, com voz pesada e amara,  
Como quem da pergunta lhe pesara:

50

– «Eu sou aquele oculto e grande Cabo  
A quem chamais vós outros Tormentório,  
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,  
Plínio e quantos passaram fui notório.  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontório,  
Que pera o Pólo Antártico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto ofende.

51

«Fui dos filhos aspérrimos da Terra,  
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano;  
Não que pusesse serra sobre serra,  
Mas, conquistando as ondas do Oceano,  
Fui capitão do mar, por onde andava  
A armada de Neptuno, que eu buscava.

52

«Amores da alta esposa de Peleu  
Me fizeram tomar tamanha empresa;  
Todas as Deusas desprezei do Céu,  
Só por amar das águas a Princesa.  
Um dia a vi, co as filhas de Nereu,  
Sair nua na praia e logo presa  
A vontade senti de tal maneira  
Que inda não sinto cousa que mais queira.

53

«Como fosse impossível alcançá-la,  
Pola grandeza feia de meu gesto,  
Determinei por armas de tomá-la  
E a Dóris este caso manifesto.  
De medo a Deusa então por mi lhe fala;  
Mas ela, cum fermoso riso honesto,  
Respondeu: – «Qual será o amor bastante  
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?

54

«Contudo, por livrarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarei maneira  
Com que, com minha honra, escuse o dano.»  
Tal resposta me torna a mensageira.  
Eu, que cair não pude neste engano  
(Que é grande dos amantes a cegueira),  
Encheram-me, com grandes abundanças,  
O peito de desejos e esperanças.

55

«Já néscio, já da guerra desistindo,  
Ûa noite, de Dóris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Tétis, única, despida.  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços pera aquela que era vida  
Deste corpo, e começo os olhos belos  
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

56

«Oh que não sei de nojo como o conte!  
Que, crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei cum duro monte  
De áspero mato e de espessura brava.  
Estando cum penedo frente a frente,  
Qu' eu polo rosto angélico apertava,  
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo  
E, junto dum penedo, outro penedo!

57

«Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me neste engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?  
Daqui me parto, irado e quási insano  
Da mágoa e da desonra ali passada,  
A buscar outro mundo, onde não visse  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

58

«Eram já neste tempo meus Irmãos  
Vencidos e em miséria extrema postos,  
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,  
Alguns a vários montes sotopostos.  
E, como contra o Céu não valem mãos,  
Eu, que chorando andava meus desgostos,  
Comecei a sentir do Fado imigo,  
Por meus atrevimentos, o castigo:

59

«Converte-se-me a carne em terra dura;  
Em penedos os ossos se fizeram;  
Estes membros que vês, e esta figura,  
Por estas longas águas se estenderam.  
Enfim, minha grandíssima estatura  
Neste remoto Cabo converteram  
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,  
Me anda Tétis cercando destas águas.»

60

«Assi contava; e, cum medonho choro,  
Súbito d' ante os olhos se apartou;  
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao santo coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deus pedi que removesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.